

# O Fundamento Sónico e a Integração Migratória

Jorge Bruno Ventura  
Universidade Lusófona, Lisboa  
jorge.bruno@ulusofona.pt

## RESUMO:

*O fundamento sónico da rádio é promotor de comunidades porque promove a partilha e a formação de um elemento de união que é sentido pelos que se encontram fixos em diferentes territórios ou em deambulação. É referencial na construção de identidades e definição de valores. Essa característica da rádio ganha força e oferece contributo para a integração comunitária de migrantes. Através de emissões locais dirigidas a imigrantes ou de emissões de longa distância para comunidades de emigrantes, a rádio influencia as perceções do espaço e do tempo, que interferem no sentimento de integração do migrante. No presente trabalho apresenta-se um conjunto de características que o meio rádio possui, particularmente a sua vocação transfronteiriça, e que contribuem para a integração de migrantes.*

## ABSTRACT:

*The sonic foundation of the radio is a constituent element of communities. It enhances sharing and a unitary element felt by those who are in different territories or ambulation. It becomes a reference in the construction of an identity and in the definition of values. With this characteristic the radio gains strength as a media capable of offering a privileged contribution in the integration of migrants. Whether through local broadcasts directed at immigrants or through long-distance broadcasts to emigrants, the radio influences perceptions of space and time that interfere with the migrant's feeling of integration. We propose reflect on a set of characteristics that the radio medium has, particularly its cross-border vocation, and that optimize the integration.*

Palavras-Chave: Rádio, Som, Integração, Migração

Key-words: Radio, Sound, Integration, Migration

## 1. A MIGRAÇÃO

Uma questão para levantar muitas outras: É possível pensar o planeta, em todas as suas dimensões, sem integrar os movimentos migratórios? Este exercício de reflexão transforma-se numa utopia quando se isenta a importância das deslocações migratórias e a capacidade humana de desenvolver formas de habitação fora do espaço geográfico de nascença. É um entendimento impossível de se concretizar e de ser aceite porque anula um conjunto de leituras sobre relação do humano com os seus vários espaços, como as de cariz sociocultural ou económicas e que são, em alguns casos, motores do desenvolvimento de países, da raça humana e de movimentos globalizantes:

*Os mercados de capitais são globalmente interdependentes o que é crucial na economia capitalista. O capital é gerido vinte e quatro horas por dia em mercados financeiros globalmente integrados, funcionando em tempo real pela primeira vez na história transações no valor de*

*bilhões de dólares são feitas em questão de segundos, através de circuitos eletrônicos por todo o planeta. (Castells, 2002: 124).*

A citação anterior destaca-se por uma definição do estado atual do planeta pensada a partir da noção de rede. Perceber o tempo contemporâneo e interpretar o que nos rodeia, torna-se necessário para entender as dinâmicas associadas ao cultural, social, económico e financeiro. A concretização dessa necessidade, exige a interpretação dos movimentos migratórios e do que eles representam. Neste aspeto, os tempos atuais são de desafio por causa da dinâmica que se assiste relacionada com a difusão, e aceitação, de ideias associadas à rejeição das comunidades de imigrantes. Palco perfeito para desvalorizar a importância dessas comunidades, mesmo que a sua presença se associe à criação de novos modelos económicos. Também a tentativa de perceber acontecimentos passados, não pode estagnar na anulação das consequências que os movimentos migratórios, independentemente da sua causa e origem, lhe ofereceram.

E as grandes cidades? As grandes metrópoles são hoje um espaço de miscigenação e de vocação transfronteiriça que geram novas oportunidades e experiências tão desejadas pelos turistas. Essas áreas enraizadas por grandes massas humanas têm na sua origem movimentos de migração e não têm um único momento da sua história ou um momento de vivência na sua plenitude capaz de ser entendido sem encarar os conceitos da multiculturalidade proporcionada pelo que vem de fora e pelo que é estranho. Hoje em dia as grandes cidades vivem uma constante redefinição da sua identidade através de atitudes políticas de inclusão. É a multiculturalidade. Hoje, as grandes metrópoles são espaço de mistura cultural promovida por quem faz parte de movimentos migratórios e por quem, não fazendo parte diretamente de um movimento migratório, tem a sua ascendência noutras origens geográficas.

*A sociologia urbana tem uma longa história de envolvimento com questões de raça em contextos urbanos. A Escola de Chicago (e aqueles que a seguiram) é o ponto de referência mais óbvio. No entanto, nos últimos anos, os geógrafos humanos começaram a envolver-se com as questões do encontro multicultural em lugares compartilhados do dia-a-dia. (Wise & Velayutham, 2009: 7)<sup>1</sup>*

Ao refletirmos sobre este contexto, não conseguimos deixar de cair na tentação de falar de Fé. Na Bíblia, o livro do Êxodo<sup>2</sup> é dedicado a um dos movimentos migratórios mais conhecido de todos os tempos: a libertação do povo de Israel. E Jesus Cristo, através de ordem do anjo de Deus a São José, migrou nos braços de sua mãe para o Egito a fim de fugir da ira de Herodes que desejava matar o menino<sup>3</sup>. Independentemente da razão ou origem geográfica, os movimentos migratórios sempre estiveram associados à busca de melhores condições de vida. A migração é, em primeiro lugar e antes de tudo, um ato de sobrevivência com origem em aspetos vários

---

<sup>1</sup>Urban sociology has a long history of engagement with issues of race in urban contexts. The Chicago School (and those who followed) is the most obvious reference point. However, in recent years human geographers have begun to engage with issues of multicultural encounter in everyday shared places. (Wise & Velayutham, 2009: 7).

<sup>2</sup>Segundo livro de torá (o primeiro é o Gênesis) e segundo da Bíblia Hebraica (Antigo Testamento), apresenta o relato de como o profeta Moisés liderou o seu povo no êxodo da escravidão do Egito e foi para a terra prometida por um ato de fé.

<sup>3</sup> Cf. Mateus: Capítulo 2; versículo 13.

como a fuga a conflitos, perseguições políticas, miséria e colonialismo. Todos descendemos de imigrantes. Sem a existência de imigração haveria zonas do planeta que jamais estariam habitadas: *As regiões da Terra não teriam sido povoadas se a nossa espécie estivesse exclusivamente ligada ao seu habitat (Wise & Velayutham, 2009: 1)*<sup>4</sup>.

## 2. A IMIGRAÇÃO EM PORTUGAL

Portugal sempre teve uma forte ligação com movimentos migratórios. Essa tradição define-se na Era *Gâmica*, com o período dos Descobrimentos a gerar um conjunto de colonizações e de movimento migratórios associados às colónias. Na segunda metade do século passado, Portugal foi terra de emigrantes que iam para o estrangeiro procurar melhores condições de vida. O país tinha tão pouco para oferecer e uma grande parte população ativa partiu para trabalhar no estrangeiro, à procura de uma vida melhor. Na viragem para o terceiro milénio a situação inverteu-se:

*De país de acolhimento para imigrantes originários de países com os quais partilha uma língua e um passado colonial, passou a acolher, também, imigrantes vindos de países com os quais os laços históricos, culturais, políticos e económicos eram fracos ou inexistentes. (Marques e Góis, 2011: 214)*

Hoje, Portugal tem imigrantes vindos de vários países. São aproximadamente 600 mil, de acordo com o indicado pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF)<sup>5</sup>. Se até há poucos anos a comunidade de imigrantes em Portugal era na sua grande maioria constituída por pessoas vindas do Brasil, Palop, Leste e China, hoje essa comunidade é formada também por quem chega de latitudes sem tradição migratória com Portugal: Nepal, Bangladesh, Índia, Paquistão, por exemplo. O gráfico seguinte apresenta os dados da evolução da migração oficial<sup>6</sup>.

---

<sup>4</sup>Earth's regions would not have been peopled if our species was exclusively bound to its habitat (Wise & Velayutham, 2009: 1).

<sup>5</sup>Dado retirado do Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo – 2019, produzido pelo serviço de estrangeiros e fronteiras e que é o mais recente disponível para download no sítio eletrónico do SEF à data de Maio de 2021.

<sup>6</sup>Considera-se migração oficial aquela que apresenta ato de legalização através dos organismos competentes e que no caso português é o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.

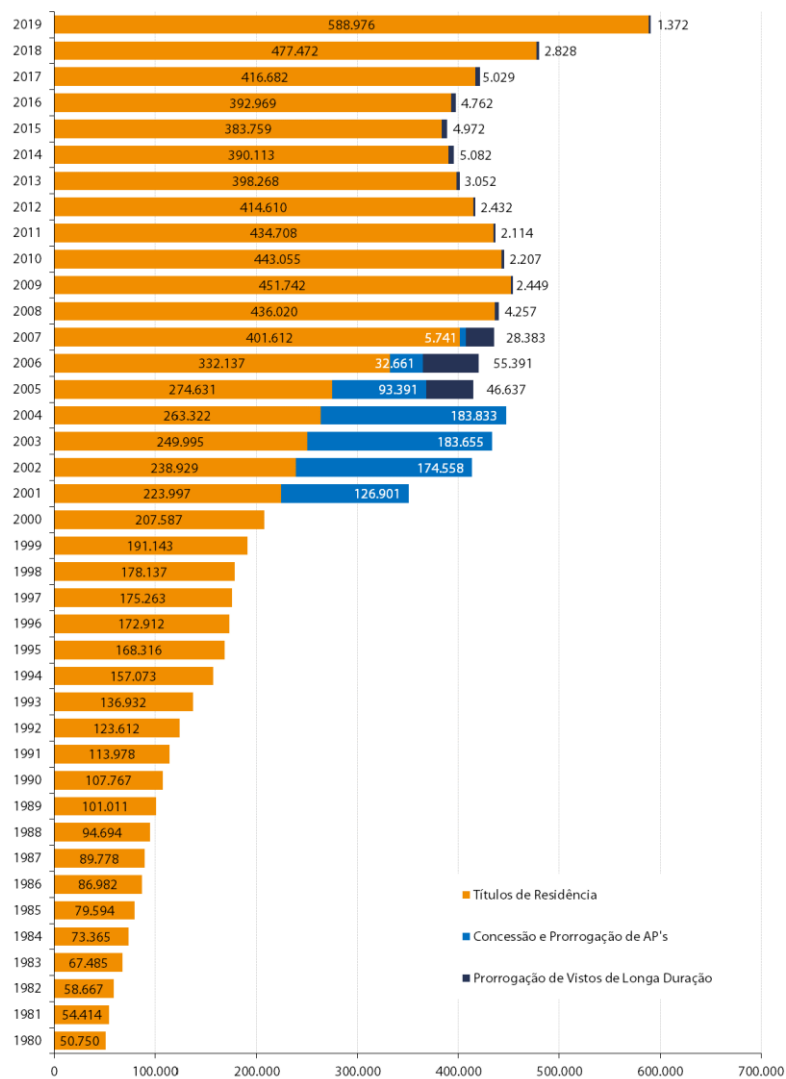


Gráfico 1 – Evolução da migração em Portugal

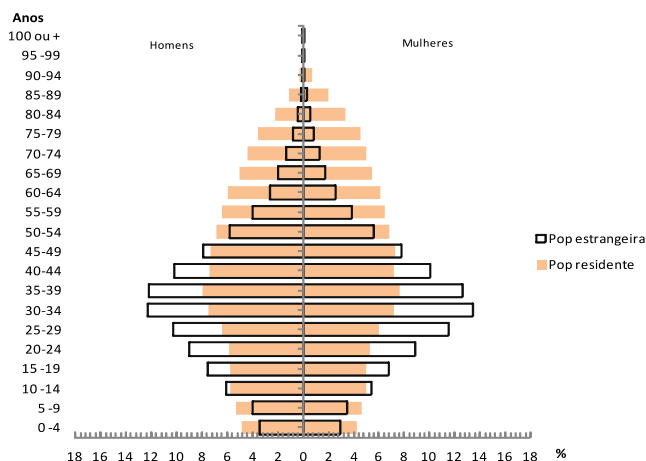
Fonte – Serviço de Estatísticas do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

As razões que justificam a imigração para Portugal são num primeiro momento antes da intervenção da Troika<sup>7</sup>, o desenvolvimento económico que o país conseguiu sustentar e numa fase atual, um trampolim de migração para o Norte da Europa através da livre circulação no espaço *Schengen*. Portugal tem benefícios com os movimentos de imigratórios porque o não procedimento da renovação de quem produz, de quem trabalha, é insuficiente para suportar a restante população não produtiva. Apesar do único recurso possível e mais fiel apresentar 10 anos, que é informação retirada do

<sup>7</sup>Designação atribuída à equipa formada pelo Banco Central Europeu, Comissão Europeia e Fundo Monetário Internacional e que negociou a ajuda financeira solicitada pelo governo português em Abril de 2011.

Censos de 2011<sup>8</sup>, o gráfico seguinte apresenta dados que permitem concluir sobre as vantagens para um país como Portugal em receber imigrantes.

**Estrutura etária da população portuguesa e estrangeira, 2011**



**Gráfico 2 – Estrutura etária da população portuguesa e estrangeira, 2011**  
 Fonte – Instituto Nacional de Estatística

Seja qual for proveniência, todo o imigrante<sup>9</sup> passa por um conjunto de fases associadas ao processo de imigração e que são descritas na tabela 1.

Fases	Nome das fases	Características das fases
1	Emigração	Motivação para a partida: necessidade ou escolha? Rutura afetiva, física e cultural
2	Transição física. Instalação	Dificuldades práticas: habitação, lugares, espaços... Contactos raros, superficiais e formais com a sociedade de acolhimento
3	Absorção das Diferenças Sociais	Choque cultural: trabalho, habitação, educação etc. Aprendizagem de novas profissões, de novos valores. Risco para saúde mental e física
4	Adaptação	Adaptação de comportamentos Desmistificação da sociedade de acolhimento
5	integração	Adaptação ou não de comportamento facilitadores da integração.

<sup>8</sup> O Censos é uma contagem promovida pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) com base na metodologia da inquirição exaustiva e que se realiza de 10 em 10 anos. A data de Maio de 2021 está a ser promovida pelo INE a recolha de dados para novo Censos.

<sup>9</sup> Mesmo os imigrantes com recursos económicos. Neste enquadramento considera-se por exemplo a imigração feita pelos jogadores de futebol das principais equipas, altos quadros de empresas que vêm trabalhar para filiais portuguesas e outros casos que beneficiam de um conjunto de condições que não as da maior parte dos imigrantes.

		Consciência da distância frente a frente da cultura do país de origem. Enraizamento das crianças. Consciência do carácter definitivo da escolha
--	--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Tabela 1 – Fases do processo de migração

Fonte – Elaboração própria com recurso a literatura sobre o tema

As cinco fases apresentadas no quadro anterior definem o processo de imigração que começa com o *estatuto* de emigrante na sua terra de origem, onde se verifica uma reflexão sobre o ato de imigrar e que origina um conjunto de ruturas. Após a mudança de lugar físico, há o embate através da convivência com as diferenças encontradas no novo local de fixação. A adaptação é o passo seguinte e depois a integração. A leitura destas fases permite identificar que a integração na comunidade torna-se elemento fundamental no processo de imigração. Sem esta concretização o imigrante terá sempre um sentido estranheza em relação ao espaço físico e social.

### 3. A RÁDIO EM PORTUGAL PÓS 25 DE ABRIL

Depois do 25 de Abril de 1974, as estações de rádio foram nacionalizadas com exceção de poucos casos: Renascença, explorada pela Igreja Católica, da Rádio Altitude, na Guarda, e Rádio Clube do Centro. Em sequência das nacionalizações, em 1975 é criada a Empresa Pública de Radiodifusão a fim de explorar as rádios nacionalizadas. O cenário manteve-se estável e sem grandes novidades. O aparecimento em 1977 da Rádio Juventude<sup>10</sup>, considerada a primeira rádio pirata no Portugal pós 25 de Abril<sup>11</sup>, deu início à utilização do espectro radiofónico com objetivos distintos, como as aspirações locais e ideológicas. As rádios piratas desenvolveram uma atividade para a qual não havia enquadramento legal e não possuíam licença para a utilização do espectro eletromagnético. Fora das emissões *piratas*, o único laivo de novidade foi trazido pela Rádio Comercial em 1979 com emissões em FM e AM. Apesar dos sinais manifestados no final dos anos 70, o movimento associado ao aparecimento das rádios piratas em Portugal teve uma importância decisiva na década de 1980. Espalhadas pelo território português, as rádios piratas assumiam na maior parte dos casos uma ligação à população de uma determinada região, tornando-as em rádios locais. Os estúdios eram garagens, sótãos e pequenas salas como, por exemplo, em quartéis de bombeiros e alguns sítios ainda mais invulgares para se fazer rádio: *Havia estações que emitiam a partir de vão de escadas e outras que funcionavam no quarto da residência do locutor, no qual a cama servia de sofá para os convidados* (Bonixe, 2012: 317).

A ausência de legislação para o desenvolvimento deste tipo de atividade conferia um carácter ilegal às emissões, que em nada privou o desenvolvimento da atividade. As emissões que as rádios livres produziam eram novidade porque um conjunto de assuntos e problemáticas que até então não eram discutidas por terem uma dimensão local, passaram a ter tempo de antena e ocupar um espaço na rádio.

Uma grande parte destas rádios desenvolveu-se em estruturas amadoras e nasceram com base em projetos criados de uma forma simplista e despreziosa, às

<sup>10</sup>Com emissão desde Odivelas ao fim-de-semana para a grande Lisboa até à apreensão do emissor pelos Serviços Radioelétricos dos CTT, em 1981.

<sup>11</sup>Luís Bonixe no artigo *As Rádios Locais em Portugal – Da Génese do Movimento à Legalização* apresenta o início do movimento “a partir do final da década de 70 do século XX” (p.314).

vezem até com um espírito de brincadeira e aventura. Noutros casos, foram projetos criados por profissionais com intenção de colocar em prática novas ideias de produção de conteúdos de rádio, difíceis de serem executadas em rádios com dimensão nacional porque *eram emissoras demasiado burocratizadas, politizadas e governamentalizadas* (Henrique Garcia<sup>12</sup> in Gomes, 1998).

Com maior ou menor capacidade para o desenvolvimento de projetos sólidos, as rádios nascidas em Portugal do movimento de *pirataria* radiofónica dos anos 80 do século passado, foram conferindo às características de emissão, um carácter de proximidade com as populações que era impossível de verificar-se em rádios de maior dimensão, apesar da reação que tiveram a Antena 1 e a Rádio Renascença, que a partir de certa altura começam a emitir localmente em alguns momentos do dia a partir de centros regionais próprios e/ou com a abertura de delegações espalhadas pelo país.

Com a atividade destas estações emissoras, o ecossistema mediático local alterou-se ao nível do poder e das disputas político-partidárias porque foi gerada uma proximidade entre população e meio de comunicação que, fruto das características do meio rádio, jamais tinha sido conseguida apesar de ter uma aproximação na relação entre populações e jornais locais.

A dimensão do aparecimento de estações de rádios associadas ao movimento das rádios piratas e locais dos anos de 1980 em Portugal, gerou uma situação confusa na gestão do espectro radiofónico feita pelas autoridades. Em 1989 dá-se finalmente a legalização da atividade através de um concurso para atribuição de alvarás de emissão com as decisões a serem da responsabilidade da *Comissão Consultiva da Rádio*. O movimento para a legalização destas rádios já não podia ser interrompido e tornava certa a legalização da atividade através do licenciamento das rádios locais e a estruturação de um novo cenário radiofónico para Portugal. Foram licenciadas 314 rádios de âmbito regional. Depois do período de *pirataria* e do desenvolvimento de uma atividade à margem da lei, o novo período que agora se abria era o de desenvolvimento de uma atividade legal, enquadrada numa lei da rádio que viria a ser publicada no verão de 1988<sup>13</sup>.

Hoje o cenário é bastante diferente e muitas alterações aconteceram algumas associadas à possibilidade de subsistência de tantas rádios locais em relação à dimensão do país... Para além das rádios de serviço público de âmbito nacional e internacional exploradas pela RTP-Rádios e de mais alguns projetos de cobertura nacional como as rádios dos grupos Renascença e Media Capital, o ecossistema radiofónico é constituído por um conjunto de rádios urbanas com uma segmentação bastante definida e que, em alguns casos, aproveitam a oportunidade de compra de alvarás pertencentes a projetos moribundos de rádios locais. As rádios locais existentes vivem com várias dificuldades de subsistência económica que prejudica o desenvolvimento da sua missão.

#### **4. A RÁDIO E A PERCEÇÃO DAS VARIÁVEIS ESPAÇO E TEMPO**

No contributo oferecido ao processo de integração de imigrantes, importante papel é o desempenhado pelos meios de comunicação social através da capacidade de promoverem a constituição e coesão de comunidades. No caso da rádio, essa

---

<sup>12</sup>Jornalista português nascido em 1948.

<sup>13</sup>Lei nº 87/88 de 30 de julho e o regime de licenciamento da atividade definido no Decreto-Lei 338/88.

possibilidade é otimizada com o fundamento sónico a ser elemento unitário porque as suas características de facilidade de emissão e vocação transfronteiriça permitem perceber que ainda hoje a rádio é um meio com uma forte capacidade de agregar comunidades, muitas vezes dispersas em territórios distantes. O aparecimento da rádio no início do século XX deram novas formas à capacidade temporal e espacial, com novas perceções dessas variáveis. É nestas dimensões que podemos valorizar o papel da rádio para a integração comunitária de migrantes oferecendo a possibilidade de criação de um espaço associado ao património de cada ouvinte e que hoje em dia, com as possibilidades de escuta de conteúdos rádios em *podcast*, pode ser gerido no tempo desejado. A rádio tem características únicas: telepresença; desterritorialização a partir do som; e produção de som (e voz humana) à distância. Telepresença é a possibilidade de alguém ter o sentimento de presença num local onde fisicamente não está ou o sentimento de presença de alguém que está distante. Para melhor se perceber este conceito, e necessário desenvolver o conceito de presença. A presença é algo que se define num tempo e num espaço, num contexto de contemporaneidade em relação a um referente. André Bazin, na tentativa de explicar e encontrar uma definição para a presença, escreveu o seguinte: *estar na presença de alguém é reconhecê-lo como estando simultaneamente conosco e notar que ele está dentro do alcance real de nossos sentidos...* (2005: 96)<sup>14</sup>. A mediação entre a existência física e a ausência é feita com sentido da visão para o cinema, o sentido da audição para a rádio e, durante tanto tempo, foram as artes plásticas elemento privilegiado dessa mediação quando meios mais modernos como o cinema e a rádio não existiam. É essa mediação feita pelo migrante, no caso da rádio com contributo do som, que lhe permite, através dos conteúdos em que se verifica um reconhecimento com a identidade cultural, a criação de um espaço de identificação e aceitação. Um espaço de reconhecimento que elimina a estranheza. A reciprocidade numa dualidade dialogante nem sempre existe, isto é, nem sempre é feita nos dois sentidos. Há casos onde a reciprocidade é impossível de existir como, por exemplo, na televisão, e aí, em vez de se falar numa presença, deve-se fazer a utilização do termo pseudopresença:

*O espectador vê sem ser visto. Não há fluxo de retorno ... No entanto, esse estado de não estar presente não é verdadeiramente uma ausência. O ator de televisão tem a sensação de um milhão de ouvidos e olhos virtualmente presentes e representados pela câmara (Bazin, 2005: 97)<sup>15</sup>.*

Matthew Lombard e Theresa Ditton (1997) falam em seis formas de presença, sendo uma delas a própria imersão. Para estes autores, há as formas de presença que implicam uma verdadeira presença, física num determinado espaço mediado, e, por outro lado, formas de presença que não estão associadas a uma presença física, mas a uma presença de características sociais, i.e., um sentimento de se estar junto. Daí a ideia há pouco referida sobre a capacidade que a rádio oferece em fazer a coesão de comunidades, mesmo que os seus elementos ocupem territórios dispersos entre si. Os media são referencias no espaço e no tempo. Conseguem efetuar o transporte para um espaço e tempo diferentes; permitem vivenciar o conhecimento de um espaço

---

<sup>14</sup>To be in the presence of someone is to be recognize him as existing contemporaneously with us and to note that he comes within the actual range of our senses (Bazin, 2005:96)

<sup>15</sup>The spectator sees without being seen. There is no return flow... Nevertheless, this state of not being present is not truly an absence. The television actor has a sense of the million of ears and eyes virtually present and represented by the electronic camera (Bazin, 2005:97)



longínquo; criam a possibilidade de interação e um sentido de presença num espaço que fisicamente não é o ocupado. É isto que pode ser entendido com a integração porque define a entrada e aceitação num novo espaço: *Uma proporção crescente de nossas interações sociais diárias é mediada, ou seja, ocorre com representações de outras pessoas, com incorporações virtuais em vez de corpos físicos. (Jsselsteijn, 2005: 18).*<sup>16</sup>

É muito mais fácil perceber este aspeto da telepresença com um olhar direcionado para a sociedade contemporânea que, quase sempre, valoriza a imagem em detrimento do som. A ideia de uma telepresença existente apenas para um corpo presente é redutora, e até mesmo errada, para a definição do conceito. A telepresença remete o individuo para a impressão da existência de alguém e do corpo desse alguém num determinado espaço fora do contexto presencial. É a possibilidade de sentir uma presença a partir da evocação desenvolvida pela voz. Se há este lado de alguém se fazer sentir presente (p.e. quando se conversa ao telefone os falantes fazem-se sentir presentes num outro espaço que não é o referente do espaço ocupado naquele momento pelo corpo), estamos em crer que o sentimento de uma presença é um remetente para um corpo. Esta ideia da telepresença, ainda hoje é um dos grandes fascínios que acompanha a rádio. Através da voz escutada, dá-se a procura de um corpo - a criação de um corpo. O sentimento de uma presença que se cria pela receção de uma voz. É a companhia que a rádio faz por quebrar uma solidão e encher um espaço. O estranho na telepresença é a designação de um outro através da voz, um corpo e uma identidade. Por isso, torna-se tao central na infância a criação do outro pela linguagem. A voz humana cria sempre o humano. É assim que a rádio se torna importante para a integração das comunidades de migrantes.

## **5. INTEGRAÇÃO NA VOCAÇÃO TRANSFRONTEIRIÇA DA RÁDIO**

No seu aparecimento, a rádio apresentou-se com características únicas em relação aos outros media. O seu poder abria-se para uma nova forma de entendimento do humano e para a criação de comunidades de ouvintes que se uniam e se constituíam como numa unidade. Espalhados por um território, que era cada vez mais ocupado pelo meio rádio, os habitantes, nalguns casos de zonas remotas, passaram a ser encarados como elementos constituintes de um auditório, pois a tecnologia de transmissão a longa distância permitia quebrar fronteiras geográficas. Revolucionava-se: *a vida na terra como sempre foi vivida estava destinada a nunca mais ser a mesma (Cox, 2009: 03)*<sup>17</sup>. Por isso, é importante na reflexão entre a radio e as comunidades migrantes, explorar a capacidade de emissão através de onda curta e da sua possibilidade do sinal de rádio chegar a grandes distâncias (países e continentes diferentes do local de emissão num tempo quase instantâneo). Essa valência, permite criar contextos da emissão para a diáspora. É uma forma de chegar a comunidades de emigrantes, que são imigrantes nos países onde se verifica a receção da emissão. Nesta relação entre a onda curta e os movimentos de migrantes destaca-se a possibilidade de transmissão de conteúdos em determinada língua e para fora do país criando a oportunidade do imigrante escutar emissões na língua do seu país de origem quando está num outro país.

---

<sup>16</sup>An increasing proportion of our daily social interactions is mediated, i.e. occurs with representations of others, with virtual embodiments rather than physical bodies” (Jsselsteijn, 2005: 18).

<sup>17</sup>life on the earth as it had always been lived was destined to never be quite the same again” (Cox, 2009: 03).

A onda curta teve os seus primeiros desenvolvimentos técnicos por altura dos anos 20 do século passado, graças ao trabalho promovido pela empresa holandesa *Philips*. A onda curta potenciou distâncias à comunicação via rádio através do aumento da área de espaço geográfico de receção de uma emissão. A desterritorialização tornou-se mais marcante e reafirmou-se de uma forma mais intensa. A possibilidade de emissão em onda curta aproveita a vocação transfronteiriça da rádio e desenvolve o elo de ligação entre o meio e as comunidades de emigrantes de um determinado país por se verificar uma exteriorização. Através desta possibilidade a rádio permite a criação artificial de um espaço a que não se está fisicamente presente. É uma penetração num espaço geográfico que não é o da presença do emigrante. A rádio sempre trouxe consigo a noção da quebra de fronteiras, mas com a onda curta a rádio transformou-se numa ferramenta ainda mais importante para a globalização e uma nova era foi aberta para os equipamentos.

## 6. NOVO MODELO – A MAIS FÁCIL INTEGRAÇÃO

O aparecimento de novos modelos mediáticos de distribuição para a rádio, originou a entrada de um conjunto de novos *players* como as empresas distribuidoras de *streaming*, de emissão online de rádio, e de rádio por satélite. No entanto, impõem-se uma questão: ao acionar estes novos modelos de distribuição de conteúdos sonoros o ouvinte está a escutar rádio? Qual a diferença, salvaguardando a que existe nos aparelhos de receção e na tecnologia de emissão, entre escutar rádio em modelos tradicionais de distribuição que privilegiam a sintonia e a escuta em *streaming*? Em verdade, parece não haver diferenças capazes de comprometer a noção de se escutar rádio quando se escuta através de *streaming* ou satélite. Reforça-se este pensamento com a seguinte questão: quando o ouvinte/internauta escolhe a emissão online de uma rádio, está ou não está a ouvir rádio?! Todos estes modelos vieram aumentar o espaço de intervenção da rádio e contribuir para que este meio se destaque na suas capacidades de media integrador de comunidades imigrantes. No início com a emissão via satélite, depois com outros modelos como Digital Audio Broadcasting (DAB), o In-band on-channel (IBOC), para destacar apenas os mais populares, e mais recentemente com a transmissão *streaming* através da internet, as rádios passaram a ter a oportunidade de captar ouvintes em novos territórios e levar mais longe os seus conteúdos, potenciando a capacidade de chegar aos emigrantes de forma mais fácil e aumentando o potencial de consumidores: *A primeira década do século 21 trouxe um rápido crescimento em vários tipos de distribuição de programas de rádio.* (Fang, 2015: 244).<sup>18</sup>

Não descurando a importância de cada um dos modelos atrás referidos, a transmissão *streaming* através da internet foi o que mais impacto causou e o modelo de distribuição de programas de rádio que originou uma maior necessidade de adaptação por parte das rádios (excluimos deste pensamento as questões técnicas). Com a difusão da Internet, iniciou-se nos anos 90 uma revolução na vida quotidiana das sociedades. O destaque que neste trabalho oferecemos à internet justifica-se por ter sido o modelo de distribuição de programas de rádio fora do convencional que é muito impactante nos dias de hoje. É através da internet que muitas comunidades de migrantes criam o

---

<sup>18</sup>The first decade of the 21st century brought rapid growth in several types of radio program distribution (Fang, 2015: 244).

acesso a conteúdos sonoros onde se verifica um elo de ligação com valores culturais e identitários que são os seus.

Foi no ano de 1994 que a internet e a rádio deram início a um processo que viria a ser chamado de streaming, quando um ex-empregado da *Microsoft*, Rob Glaser, funda a *Progressive Networks*, que mais tarde viria a ser a *Real Networks*, Esta empresa tornou-se a pioneira no desenvolvimento e comercialização de tecnologias de streaming logo após a primeira edição de seu software de áudio *RealPlayer* ser lançada em 1995 (McCauley, 2002: 513).<sup>19</sup>. Esta empresa viria a criar o famoso *RealPlayer*, o primeiro software de execução áudio/vídeo através de streaming. Hoje, serão poucas as rádios de vertente comercial em países desenvolvidos que não utilizam a possibilidade de transmitir através de streaming. Algumas rádios *online* têm este modelo de distribuição em exclusivo, outras, para além desta possibilidade, mantêm, também, a tradicional distribuição através do espectro. Este serviço também é potenciado por operadores sem qualquer ambição de presença noutra forma de distribuição de conteúdos, como plataformas como o *Spotify* e produtores independentes, mais ou menos amadores na estrutura, que assim passaram a ter a oportunidade de efetuar a disponibilização dos conteúdos criados. Para além disso, a Internet veio permitir a criação de rádios *online* onde o modelo de distribuição é exclusivo ao streaming. A transmissão online não é exclusiva dos sites de Internet das próprias estações. Um conjunto de plataformas de *streaming* funciona como agregadores, que disponibilizam várias rádios e onde a seleção pode ser feita por país de emissão ou género musical. Estas plataformas já têm aplicações capazes de correr em telemóvel e permitem a escuta de rádios que jamais poderiam ser sintonizadas fora do país de origem ou de um determinado raio a partir do local de emissão. Fruto de uma globalização, é hoje possível escutar em qualquer momento a rádio de qualquer país e de qualquer género musical. Esta é uma possibilidade marcante para que no processo de relação entre a rádio e as comunidades de migrantes se consiga perceber a importância deste meio.

Na sua relação com a rádio as comunidades de migrantes tem ao seu dispor o efeito de uma escuta de rádio cada vez mais móvel. Com pequenos dispositivos, como *smartphones* e *tablets*, a internet e as suas capacidades estão disponíveis nos mais variados momentos da vida. As tecnologias móveis, presentes na vida das pessoas, assumem um conjunto de multitarefas que se intercalam no tempo quotidiano. A escuta móvel sempre esteve muito associada à rádio, basta perceber que um dos locais onde a escuta de rádio através do modelo tradicional é mais frequente é o habitáculo do carro. Não obstante este facto, a disponibilidade apresentada para a mobilidade através da internet faz com que a rádio continue associada à mobilidade e mesmo a próxima geração de internet vai fazer com que a escuta móvel passe a ser feita com recurso aos novos modelos de distribuição de rádio.

## 7. CONCLUSÃO

Em conclusão é um facto que a rádio, tal como outros meios, tem uma vocação transfronteiriça que no seu uso poderá potenciar a integração de migrantes em determinadas comunidades e, para além disso, fazer com que os migrantes possam manter laços com elementos identitários do seu espaço de origem. Os ambientes

---

<sup>19</sup>This company became the preeminent developer and marketer of Internet streaming technologies soon after the first edition of its RealPlayer audio software was released in 1995” (McCauley, 2002: 513).

sonoros potenciados através das funções da rádio e rececionados de forma simultânea ou os novos formatos de rádio de forma não simultânea permitem, para além de uma desterritorialização através do som, a formação de identidades que têm como elemento de união o som escutado pelos membros dessa comunidade. A ideia de uma partilha conjunta, leva à constituição de uma comunidade que se cria e desenvolve através da relação que se constitui com a rádio: um auditório. As novas tecnologias da informação e da comunicação proporcionam a criação de novas dinâmicas no ecossistema mediático, e no caso da rádio novas formas de produzir e escutar, fazendo com que a noção de sintonia tenha ficado quase limitada a um espaço de consumo, o automóvel. A rádio da contemporaneidade expande-se na sua existência para uma materialização conseguida através do *podcast* e do *streaming*. A rádio está mais viva e que o futuro, tantas vezes ameaçado, deve ser encarado com otimismo porque repara-se que o consumo de rádio é elevado e a sua capacidade de produção e distribuição facilitada. Assim, é cada vez mais importante perceber o contributo do meio rádio na contemporaneidade para a inclusão de imigrantes e manter elo de ligação com emigrantes.

### Referências bibliográficas

- Bazin, André (2005). *What is Cinema? Essays Selected and Translated by Hugh Gray* (Vol.1). Berkeley: University of California Press.
- Bonixé, Luís (2012). As Rádio Locais em Portugal – Da Génese do Movimento à Legalização. *Estudos em Jornalismo e Mídia, Vol. 9 (2)*, 313-325.
- Castells, M., Cardoso, G., Oliveira., Lemos, A., Lorga, C. & Soares, T. (2002). *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cawte, Mary. (1996). *Making Radio Into a Tool for War*. Consulta em maio de 2021. Disponível em <http://www.bmartin.cc/pubs/peace/96Cawte.pdf>
- Cox, Jim (2009). *American Radio Networks: A History*. Jefferson: Mcfarland and Company.
- Einashe, I., et alRoueché, T., Bruguera, T., Gerehou, M., Hemon, A., Himid, L., Krawczyk, D., Letinić, A., Malik, N., Mohamed, N., Temelkuran, E., Trilling, D., Weijs, M. & Wilkens, A. (2019). *Lost in media : migrant perspectives and the public sphere*. Amsterdam: Valiz
- Fang, Irving (2015). *Alphabet to Internet – Media in Our Lives*. New York: Routledge.
- Flichy, Patrice (1991). *Une Histoire de la Communication Moderne*. Paris: La decouverte.
- Flichy, Patrice (1995). *Dynamics of Modern Communication*. London. Sage.
- Geissler, R. & Pöttker, H. (2009). *Media, Migration, Integration : European and North American perspectives*. Bielefeld New Brunswick N.J: Transcript Distributed in North America by Transaction Publishers.
- Gomes, Kathleen (1998). *Breve história das Rádios Piratas em Portugal*. Consulta em abril de 2021. Disponível em <https://www.publico.pt/1998/12/24/jornal/breve-historia-das-radios-piratas-121147>
- Hensel, S. (2018). *Migrants, refugees, and the media: the new reality of open societies*. London New York: Routledge.
- IJsselsteijn, Wijnand A. (2005). *History of Telepresence*. In Oliver Schreer, Peter Kauff & Thomas Sikora (Ed.), *3D Videocommunication - Algorithms, Concepts and Real-Time Systems in Human Centred Communication* (pp. 7-21). West Sussex: Wiley.

- Landzelius, Kyra (2006). *Native on the Net: Indigenous and Diasporic Peoples in the Virtual Age*. Abingdon, Oxon New York: Routledge.
- Lombard, Matthew & Ditton, Theresa (1997). At the Heart of It All: The Concept of Presence. *Journal of Computer-Mediated Communication*, Vol. 3 (2). doi:10.1111/j.1083-6101.1997.tb00072.x
- McCauley, Michael P. (2002). Radio's Digital Future – Preserving the Public Interest in the Age of New Media. In Michele Hilmes e Jason Loviglio (Ed.), *Radio Reader* (pp. 505-530). New York: Routledge
- Mattelart, Armand (1996). *A Globalização da Comunicação*. São Paulo, Editora da Universidade do Sagrado Coração
- Marques, José Carlos & Góí, Pedro (2011). A Evolução do Sistema Migratório Lusófono. Uma Análise a partir da Imigração e Emigração Portuguesa. *Revista Internacional em Língua Portuguesa*, nº24, 213-231.
- Wise, A. & Velayutham, S. (Ed) (2009). *Everyday multiculturalism*. Houndmills, Basingstoke, Hampshire New York, NY: Palgrave Macmillan.